

## **A RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS FIGURAS PARENTAIS NO COMING OUT DOS FILHOS E FILHAS: sugestões para a intervenção**

**Luísa Saavedra**

Professora Auxiliar de Escola de Psicologia  
Universidade do Minho, Portugal  
e-mail: lsaavedra@psi.uminho.pt

**Andreia Ferreira**

Mestre em Psicologia da Educação  
Universidade do Minho, Portugal

### **Resumo**

A revelação perante as figuras parentais de uma orientação sexual não normativa faz, geralmente, emergir questionamentos sobre a identidade de cada um dos envolvidos nesse processo de crise. Considerando que a aceitação desta orientação sexual por parte das figuras parentais será de máxima importância para todos os envolvidos, o principal objectivo deste artigo é compreender como pais e mães se constroem neste processo e a que estratégias recorrem. Participaram neste estudo cinco mães e um pai. A recolha de dados foi realizada através da entrevista semiestruturada e a Análise Temática serviu de suporte ao estudo. Os resultados apontam para conflitos emocionais intensos e estratégias que conduzem à aceitação por parte dos pais e mãe, chamando a atenção para a importância de intervenções em contexto escolar, de forma a preparar os pais e mães para uma possível orientação sexual não normativa dos seus descendentes e diminuir preconceitos em toda a população escolar.

**Palavras-Chave:** "Saída do armário", pais e mães, orientação sexual, núcleo familiar, LGBT.

## **PARENTS' IDENTITY RECONSTRUCTION IN THEIR SONS AND DAUGHTERS' COMING OUT: guidelines for intervention**

### **Abstract**

The coming out of a non-normative sexual orientation, before parents, generally, leads to the questioning of the identity of each person engaged in this crisis process. Whereas the acceptance of sexual orientation by the parental figures will be of utmost importance for all the involved, the main goal of this paper is to understand how fathers and mothers construct themselves in this process and to which resources they resort on. Participants were five mothers and one father. Data collection was carried out with semi-structured interviews and Thematic Analysis supported the data analysis. Results suggest the existence of intense emotional conflicts and strategies that lead to parents' acceptance. These findings call our attention to the importance of school interventions in order to prepare parents for a possible non-normative sexual orientation of their offspring and to reduce prejudice in the whole school population.

**Key words:** "coming out", parents, sexual orientation, family nucleus, LGBT

## RECONSTRUCCIÓN DE IDENTIDAD DE PADRES E MADRES QUANDO LOS/AS HIJOS/AS 'SALEM DEL ARMARIO': propuestas de intervención

### Resumen

La revelación ante las figuras parentales de una orientación sexual no normativa, por lo general, conduce al cuestionamiento la identidad de cada persona implicada en este proceso de crisis. Considerando que la aceptación de la orientación sexual de las figuras de los padres será de suma importancia para todos e todas los/las involucrados, el objetivo principal de este artículo es entender cómo los padres y las madres se construyen a sí mismos en este proceso y recursos usados. Participaron del estudio cinco madres y un padre. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas semi-estructuradas y Análisis Temática ha servido para apoyar el análisis. Los resultados sugieren la existencia de conflictos emocionales intensos y estrategias que conducen a la aceptación de los padres. Estos resultados llaman la atención sobre la importancia de las intervenciones escolares con el fin de preparar a los padres y las madres para una posible orientación sexual no normativa de sus hijos y reducir el prejuicio en toda la población escolar.

**Palabras clave:** "salir del armario", padres y madres, orientación sexual, núcleo familiar, LGBT .

### Introdução

As sociedades ocidentais actuais estão, ainda, ancoradas em padrões eminentemente homofóbicos e heterossexistas encarando qualquer forma de diversidade sexual com estranheza, preconceito e discriminação. No que respeita à homossexualidade, a psicologia teve sérias responsabilidades na manutenção da segregação de minorias sexuais tendo, até à década de 70 do século XX, mantido uma visão patológica e estigmatizante para com as sexualidades não normativas (Carneiro, 2009; Frazão & Rosário, 2008;). Mudanças significativas ocorrem quando, em 1973, a *American Psychiatric Association* e em 1975, a *American Psychological Association*, decidem remover a homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* (LaSala, 2000). A partir deste momento, a investigação ultrapassa a centralidade das causas e patologia e muda o seu enfoque para as características psicossociais e atitudes sociais da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) (Nogueira & Oliveira, 2010).

Em Portugal, vários foram os factores que afastaram o olhar activista e científico sobre a homossexualidade. A ditadura que se prolongou até 1974 e as transformações políticas ocorridas após o 25 de Abril são apontadas como as principais causas do atraso da realidade portuguesa comparativamente a outros países ocidentais. Certo é que só a partir de 1990, a comunidade LGBT ganha alguma visibilidade em Portugal, na sequência de movimentos de luta contra o VIH/Sida e com o aparecimento de

movimentos associativos que vão ganhando consistência e respeitabilidade. Contudo, a rede de apoios sociais para o próprio indivíduo e para a sua família nuclear é ainda escasso, sendo de salientar no primeiro caso a Rede Ex-Aequo e no segundo a Amplos – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual (Almeida, 2010).

Desde há muito que a revelação para os pais e mães de uma orientação LGBT é considerado um processo complexo (Kurashige & Francisco dos Reis, 2010) que acarreta consigo crises e conflitos emocionais (Ben-Ari, 1995). Contudo, só mais recentemente se tem estudado, em profundidade, estas experiências parentais. Esta linha de investigação mostra-se bastante pertinente, tendo em conta a escassez de estudos direccionados para o núcleo familiar central do indivíduo LGBT. Assim, este artigo começará por realçar os efeitos do apoio ou rejeição pelo núcleo familiar, e apresentará alguns modelos explicativos acerca da nova reconfiguração familiar, bem como dos processos de subjectivação com os quais estas figuras parentais se defrontam. Antes de passar ao estudo propriamente dito, serão ainda elencadas algumas estratégias e recursos que pais e mães utilizam para, a par com os seus filhos e filhas, realizarem um “*coming out*” positivo e saudável. Posteriormente à apresentação do estudo (metodologia adoptada nesta análise qualitativa, participantes, procedimentos e resultados), os resultados serão discutidos à luz da sua pertinência para a intervenção, tendo por referência o contexto escolar e educativo.

### **Efeitos das reacções parentais e processos de resignificação**

Independentemente da sua orientação sexual, a família nuclear funciona como pilar referencial para os jovens, que dela obtém grande parte da manutenção física e emocional (Kurashige e Reis, 2010). Esta apresenta, portanto, um papel preponderante, no ensino dos recursos e estratégias para lidar com o mundo, funcionando como um factor protector que ajuda os jovens a lidar com os comportamentos de risco (Frazão & Rosário, 2008).

A investigação tem sido escassa para responder às questões de como, quando e a quem se deve fazer o *coming out*. De modo a garantir um determinado nível de controlo no suporte recebido por amigos e familiares, muitos jovens optam por permanecer discretos e selectivos sobre o quando e a quem revelar a sua orientação sexual. A literatura sugere que, por norma, os jovens revelam primeiro a sua identidade sexual aos pares e só depois aos progenitores e restantes familiares. Dos

progenitores a mãe é geralmente a primeira pessoa eleita (Rossi, 2010), sendo também ela, geralmente, a figura mais tolerante (D'Augelli, 2006). Por outro lado, a rejeição por parte da figura maternal parece ter efeitos mais negativos do ponto de vista psicológico (baixa de auto-estima, depressão, etc), do que a rejeição por parte da figura paternal (Oliveira, 2012).

Perante estes resultados, as precauções dos/das jovens antes de revelarem a sua orientação sexual perante as figuras parentais, afiguram-se lógicas e razoáveis, dado que uma má reacção por parte das referências parentais poderá ter efeitos devastadores na sua subsistência económica e equilíbrio emocional. Consequências ao nível da depressão e do consumo de substâncias, estão retratadas na literatura, sendo estas particularmente acentuadas para as lésbicas e mulheres bissexuais (Rothman, Sullivan, Keyes & Boehmer, 2012). As reacções dos pais/mães podem, por sua vez, ir da extrema hostilidade à rejeição, expulsão de casa, abuso e violência (Goldfried & Goldfried, 2001) ou a uma aceitação quase imediata. Os estudos indicam também que a rejeição do *coming out* dos descendentes está intimamente relacionado com rejeições parentais prévias e que portanto as figuras parentais mais aceitantes serão aquelas cuja relação já era, anteriormente, pautada por afecto e aceitação (Oliveira, 2012).

Veremos, então, seguidamente, o que a escassa literatura refere sobre o processo de *coming out* dos progenitores de jovens LGB.

A partir do momento em que o filho ou a filha revela a sua orientação sexual as reacções parentais podem persistir num curto espaço de tempo (semanas ou meses) ou estender-se por período prolongado (vários anos). Mas de um modo geral, a literatura sugere que à medida que o tempo passa as figuras parentais se tornam mais tolerantes (Savin-Williams, 2006).

A grande maioria dos estudos, encaram o *coming out* dos filhos como um processo de luto seguindo, de forma geral, as cinco fases do luto definidos por Kubler-Ross (1969): choque, negação, tristeza, raiva e eventualmente aceitação. Na mesma linha de pensamento Strommen (1989), sugere cinco estádios: a consciência subliminar (suspeita de que existe algo de pouco usual no que se refere ao género ou à orientação sexual), o impacto (momento em que se tem conhecimento da situação do filho ou filha e que é geralmente acompanhado de uma crise que se pode traduzir por choque, negação, culpa e raiva), o ajustamento (primeiras tentativas para lidar com a crise e que podem passar por querer a mudança do/a filho/a, manter segredo e manter a respeitabilidade da família a nível social) a resolução (começa-se a fazer o luto das

expectativas destruídas, como ter netos; este processo é acompanhado pela procura de informação e mudança dos seus próprios estereótipos), e, finalmente a integração (incorporação dos conhecimentos para a aceitação da figura filial tal como é).

Investigações mais recentes demonstram que estas reacções raramente permanecem estáveis. Em termos de aceitação, os estudos indicam que cerca de dois terços das figuras parentais (Rothman, Sullivan, Keyes & Boehmer, 2012), a metade dos pais e mães (Ben-Ari, 1995; Savin-Williams, 2006), acaba por aceitar a orientação sexual dos seus descendentes. Torna-se importante ressaltar que, apesar de poder existir um padrão de resposta, cada figura parental experimenta reacções individualizadas, diversificadas e complexas (Savin-Williams, 2006).

Outro tipo de trabalhos aponta, sobretudo, para a reestruturação identitária dos pais, no sentido de encontrarem novos significados para as suas relações com estes descendentes, pois este período implica o confronto com os seus próprios sentimentos de homofobia (Salzburg, 2007; 2009). Daí que, o *coming out* dos filhos e filhas corresponda igualmente a um *coming out* das figuras parentais, que terão, também eles, que assumir perante uma sociedade homofóbica e heterossexista a sua descendência lésbica, gay ou bissexual (Boxer, Cook & Herdt, 1991). Este processo implica, frequentemente, um reorganizar de expectativas que tinham para si e para os seus filhos, tal como o casamento heterossexual e netos, por exemplo (Saltzburg, 2004). Significa, por outro lado, conceber a possibilidade do casamento homossexual e a adopção (ainda não legalmente autorizada em Portugal).

Este tipo de investigação procura descrever as experiências das figuras parentais e demonstra que estes têm uma tendência para se preocupar com as causas da homossexualidade dos/as filhos/as (Bernstein, 1990). Estas perspetivas chamam a atenção para sentimentos e experiências parentais diversos, como o pânico, sentimentos de tristeza e perda, medo pela segurança dos seus descendentes, vergonha, introspecção e crescimento pessoal (Salzburg, 2009; Savin-Williams, 2006). Por vezes, existe um afastamento emocional entre progenitores e descendentes, originado pela dissonância (cognitiva e emocional) que as figuras parentais, experienciam entre as mensagens homofóbicas que interiorizaram da sociedade e o amor que sentem pelas/os filhas/os. Esta dissonância origina, assim, uma sensação de exclusão por parte das figuras parentais: sentem-se retirados da participação na vida dos seus descendentes, da exposição social e de actividades rotineiras que eram usuais (Saltzburg, 2004).

As preocupações dentro do seio familiar são igualmente sublinhadas. Uma das mais relatadas na literatura é: como será o futuro do filho, fazendo este parte de uma minoria sexual? Herdt e Koff (2002), e Saltzburg (2004) referem os seguintes temores de pais e mães: medo que as/os filhas/os os excluam da sua vida quando entrarem no mundo gay; a rejeição a que possam ser sujeitos pela sociedade, nomeadamente, pelos pares; que sejam vítimas de violência; que sejam excluídos da congregação religiosa à qual pertencem; que sejam promíscuos e que não encontrem um parceiro com quem possam estabelecer uma relação duradoura; e, finalmente que possam mais facilmente contrair VIH/SIDA. As reacções mencionadas anteriormente, podem ser exacerbadas dependendo do contexto cultural em que ocorrem.

Todavia, quando os pais e mães integram verdadeiramente a orientação sexual do seu filho ou filha, podem adotar uma postura de afirmação da homossexualidade, incorporando as experiências dos seus descendentes nas suas próprias vidas. Algumas figuras parentais podem tornar-se activistas proactivos no combate ao heterossexismo, influenciados pelos seus filhos e filhas (e.g., Broad, 2011; Johnson & Brest, 2012). Outros, estando já comprometidos com as causas sociais, apenas incorporam estas questões que estavam, possivelmente, em falta (Savin-Williams, 2006).

Um estudo realizado com mães acerca do processo de aceitação de suas filhas lésbicas, apesar de não nos permitir retirar generalizações devido ao reduzido número de casos, permite, no entanto deixar no ar algumas indicações sobre os factores que ajudam a um desenrolar positivo do processo. Estas mães respeitavam a sexualidade das suas filhas, não se preocupavam com os julgamentos de outras pessoas, defendiam as suas filhas e a população LGBT e olhavam para a orientação sexual das suas filhas como apenas uma parte delas (Wakeleya & Tuasona, 2011).

Tendo por base estas considerações da literatura e tendo em conta os poucos estudos dedicados a este tema, o principal objectivo deste trabalho é compreender o posicionamento da família nuclear no *coming out* e o funcionamento das relações entre as díades familiares progenitores-descendentes, durante e após a “saída do armário”. Para isso, foram levantadas as seguintes questões de investigação: (1) como enfrentam os pais e mães o *coming out* dos seus descendentes?; (2) que estratégias utilizam ou utilizaram para gerir a sua “saída do armário” e o sua própria?; (3) existem mudanças nas estratégias e na aceitação dos pais e mães durante o processo de *coming out*?

### Participantes, procedimentos e método de análise

Foram realizadas entrevistas a 5 mães e 1 pai (casado com uma das mães) cujos/as filhos/as tinham “saído do armário” entre um período de 3 a 13 anos. As entrevistas foram realizadas nas casas dos/das participantes, na região Norte (Porto, Braga e Póvoa do Varzim) e Sul (Lisboa) do país. Os nomes aqui apresentados são nomes fictícios de modo a preservar o anonimato das/dos entrevistadas/os. A idade da amostra, no momento da entrevista, variava entre os 52 e os 70 anos ( $M=59.33$ ;  $DP=7.37$ ). No que diz respeito ao Estado Civil, 5 das/os participantes são casadas/os e 1 é divorciada. O quadro 1 particulariza alguns dados que consideramos relevantes, tais como a idade das figuras parentais aquando do *coming out* dos descendentes, o sexo e a idade actual do filho ou filha.

#### Quadro 1. Participantes

Pai Mãe	Idade no Coming Out	Idade actual	Idade do filho/a no Coming Out	Sexo do filho/a	Estado Civil
Manuela	51	55	26	M	Casada
Marta	45	52	17	F	Casada
Celeste*	63	66	22	M	Casada
Rosa	57	70	19	M	Casada
Filomena	49	53	23	M	Divorciada
Jorge*	57	60	22	M	Casado

\*Casal com o mesmo filho

Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, assentes num guião que incluiu oito questões, que foram desenhadas tendo em conta o estado actual da arte e os objectivos do presente estudo. Assim, as questões giraram em torno do significativo e reacção inicial ao *coming out* dos filhos ou filhas; de que forma teve conhecimento da orientação sexual; que mudanças ocorreram na forma como viu e vê o/a filho/a actualmente; tipo de informação que tinha na altura e que procura realizou entretanto; quem priorizou para partilhar a sua nova situação e que estratégias usaram para lidar com essa situação.

A recolha das/os participantes realizou-se através do contacto com a AMPLOS que forneceu o número de pais e mães associados para posterior contacto telefónico. Apenas uma das participantes (Filomena) foi referida por intermédio de outra pessoa

que gentilmente cedeu este contacto. As entrevistas foram efectuadas presencialmente e foram audiogravadas. Tiveram uma duração de cerca de 60 minutos cada. A análise dos dados recolhidos foi efectuada tendo subjacentes os propósitos da Análise Temática (Braun & Clark, 2006). No método de transcrição adoptado, os risos e outro tipo de emoções foram colocados entre parêntesis, assim como, a ocultação de informação que pudesse identificar os participantes. Foi feita uma primeira leitura flutuante, e nas restantes outras leituras, tendo subjacente a revisão da literatura estudada, procurou identificar-se temas comuns presentes nas várias entrevistas. Estes procedimentos ocorreram de forma repetida até os dados serem agrupados por temas e subtemas relacionados entre si. Posteriormente, chegou-se à conclusão que esta forma de apresentação em temas e subtemas não permitia uma leitura clara sobre o processo de gestão desta nova figura filial, pelo que se optou por estruturar os discursos em 3 fases do processo e dentro de cada uma associar entre si os excertos, por um lado, com mais semelhanças de significados em paralelo com os mais distintos, dando assim conta da diversidade de respostas em cada uma das fases. Por fases, não entendemos aqui as fases do luto ou do processo anteriormente referidas nesta introdução, mas sim períodos de tempo, entre o momento da revelação, os primeiros tempos após a revelação e o momento em que a gestão do processo se encontrou praticamente concluída. Dizemos praticamente, pois consideramos que este é um processo nunca acabado, como nunca são acabadas e estáveis as dinâmicas interpessoais.

Os resultados serão ilustrados através de extractos significativo de cada período e que permitam tornar claro o suporte que deu origem às análises produzidas. Os excertos de cada participante serão identificados através do nome que adoptamos para esta apresentação.

### **Resultados: quem somos agora?**

Após uma cuidadosa análise dos discursos produzidos e de entre as várias possibilidades de organizações dos mesmos optou-se, como já dissemos, por uma organização diacrónica dos discursos produzidos, a fim de evidenciar a variabilidade de discursos dentro de cada momento. Os discursos serão então apresentados tendo como fio condutor três momentos, que nos pareceram os mais significativos: (i) “a saída do armário”, baseia-se nas suspeitas anteriores ao *coming out* dos/das filhos/as, as reacções no momento e quem tomou a iniciativa da revelação; (ii) “os períodos iniciais”, do qual constam as emoções dos primeiros tempos e as preocupações



associadas à revelação (iii) “estratégias e actualidade”, dão conta quer do estado actual da relação com o filho ou filha, bem como das emoções e acções que permitiram chegar a este estado. Tentaremos em cada momento ir fazendo pontes com a literatura existente e revelando consistências e desfasamentos com a mesma. Na discussão e conclusões, além de se salientar os principais resultados deste estudo serão adiantadas algumas implicações para a educação e para a intervenção em contexto escolar.

### **Saída do armário**

Assumir uma orientação sexual não normativa perante os progenitores e a sociedade tem um poderoso impacto no núcleo familiar (Kurashige & Reis, 2010) pelo que esta se processa, em geral, com cuidado por parte dos/das descendentes. Existe o receio da rejeição parental, de ser obrigado a abandonar o lar e outras consequências que, muitas vezes, se traduzem em comportamentos aditivo, depressão ou suicídio (Rothman, Sullivan, Keyes & Boehmer, 2012). Apesar de termos conhecimento, à partida, que todas as mães e pais que participariam neste estudo mantinham ligações com os seus descendentes, era importante termos acesso ao modo como a revelação se tinha processado.

Perante esta questão as respostas do/das participantes repartiram-se entre a surpresa completa e a suspeita, mas encontramos também a crise pautada por dúvidas e medos, bem como a aceitação quase imediata.

Consideramos que alguns dos e das jovens fizeram como que uma “preparação do terreno” de forma a irem progressivamente introduzindo a questão da homossexualidade no seio familiar, quer fornecendo informações sobre este tema, quer deixando “pistas” acerca da sua orientação sexual. Por exemplo, a Manuela refere que “Ele foi deixando pistas demasiado evidentes para ser eu a perguntar”. Também a Marta destaca: “Apercebi-me era que ela estava apaixonada por uma rapariga”.

Na verdade estes comentários e processos vão de encontro ao que Strommen (1989) designou de consciência subliminar. Vemos, contudo, aqui, que esta consciência tanto pode ser intencionalmente criada pelos descendentes, como pode resultar de uma percepção mais apurada das figuras parentais.

De modo a facilitar a abordagem da orientação sexual muitos filhos/as, procuram “educar” os seus progenitores para as questões de diversidade sexual, como demonstraram os trabalhos de Ben-Ari (1995), Bernstein (1990) e Savin-Williams

(2006). Esta estratégia, não impede, contudo, que os/as progenitores/as não possam ser igualmente apanhados desprevenidos, como refere Filomena:

Não estava mesmo à espera. Podia talvez ter desconfiado, por naquelas posições que ele tomava em relação à homossexualidade nos debates que, às vezes, havia ao jantar. Mas também não é por aí... os jovens de hoje em dia têm uma mentalidade muito mais aberta do que eu e a minha geração, no nosso tempo.

Estes discursos lançam luz também sobre uma espécie de culpa por não ter compreendido as indicações do filho, acentuada, no caso seguinte, por uma estreita ligação com a religião e sua baixa formação académica. O seu discurso indica, talvez por tudo isso, falta de informação sobre a homossexualidade e, como ela própria reconhece: “Estava muito escura!”.

[...] Quando o meu filho deixou de ir à missa, pronto eu até podia prever qualquer coisa, mas não nada me passava pela cabeça. Rezei tanto a nosso senhor para que ele entretanto mudasse. Nosso Senhor não mudou é porque não quis que ele mudasse. Eu pensei na altura que aquilo era uma doença e que tinha cura. (Celeste).

Importa, por isso, denunciar o papel que a religião tem na ocultação desta problemática, recorrendo ao discurso desta mãe: “E houve uma altura que o padre falou e... Jesus! Que bicho de sete-cabeças que ele fazia! E eu vi que realmente a Igreja não aceita mesmo. Da maneira que o padre falou dava-me a entender que eles eram porque queriam, não é?”

Para outra das participantes a reacção inicial assumiu a forma de negação da situação:

A minha filha era na altura [...] Sei lá, muito experimental. E eu pensei que podia ser uma fase. Uma coisa que se enquadrava. Ela não era propriamente uma miúda convencional, ela própria. E portanto, pensei que era uma fase, ela própria admitiu, portanto, isso também não me ajudou nada. Porque eu pensei que era uma fase. (...) Foi mais este tipo de angústia de perceber que não ia ser fácil falar sobre o assunto. (Marta).

Por outro lado, algumas entrevistas evidenciam o contacto directo com o momento e como este pode ser emocionalmente muito forte e carregado de dúvidas, como refere a Filomena:

E disse-me em lágrimas: “Mãe, eu sou homossexual!” Eu fiquei surpreendida, acho que fiquei sem reacção quando ele me disse. [...] Choramos os dois. Ainda lhe perguntei: “Filho tens a certeza do que estás a dizer? Estás seguro do que sentes? Isto não é só uma fase?” Ele respondeu-me que não. Eu ainda

cheguei a perguntar se queria algum acompanhamento, como por exemplo, ir ao psicólogo e assim.

Também a Manuela, que tomou a iniciativa de esclarecer a orientação com o seu filho, nos dá conta dos conflitos iniciais:

[...] O meu, não lhe quero chamar desgosto, porque não foi desgosto” e da preocupação em ocultar do filho a sua reacção: “. Hum... Eu chorei! Não foi à frente dele. Mas, chorei durante uma semana, não foi todos os dias, mas chorei. Percebi ao fim de um certo tempo que estava a chorar não era por ele. Estava a chorar por mim, pelos meus sonhos que tinha idealizado para o meu filho”.

Em oposição a estes discursos de angústia, desespero e perplexidade, encontramos outros no polo oposto, que evidenciam uma imediata e total aceitação, fruto de uma integração da orientação sexual dos seus filhos/as:

“De resto a mim não me faz aflição nenhuma, nem contradição, nem coisa nenhuma. Eu não criei nenhum obstáculo. A minha mulher é que cria. De resto, não há discriminação é tanto filho ele, como o outro filho ou a irmã. São todos tratados da mesma maneira, não há distinção nenhuma. É igual! E não acho isso anormal. É uma coisa normal, é a orientação sexual dele, ponto final. Por mim está tudo bem!” (Jorge)

De salientar que esta figura parental contraria o padrão apontado por Saltzburg (2004) de que por norma, os pais têm mais dificuldade em aceitar orientações sexuais não normativas, sobretudo quando a díade é do mesmo sexo. Importa ainda referir que este pai é casado com a Celeste, mas que não frequenta a igreja da mesma forma que a esposa.

A Rosa foi outra das participantes que revelou uma relação muito positiva com a orientação sexual do seu filho e na qual fica patente a importância do seu contexto sociopolítico, bem como o seu nível de informação sobre o tema:

Eu era dirigente sindical activista de esquerda [...] Tinha experiência pessoal como professora de casos assim na escola [...] Pronto, quando o V. me pôs a questão dele, eu estava preparadíssima, não é?” Estudar o assunto, saber do assunto, ter alunos a quem apoiei, tudo isso já não era surpresa. (...) Portanto, eu fiquei surpresa, mas olhei assim para ele e disse: “Ó V., pronto, então qual é o problema?” E ele: “Por mim nenhum, mãe!” E eu: “Ó filho por mim também não. Tu continuas a ser o filho que eu adoro.” Pronto e abraçamo-nos e foi bonito.

Não podemos deixar de confrontar este discurso com o anteriormente produzido por Celeste e questionar até que ponto discursos tão antagónicos não se encontram ligados a contextos socioculturais completamente distintos: uma mãe extremamente ligada à religião e outra dirigente sindical de esquerda. Embora

saibamos que os contextos são determinantes não podemos também esquecer que a relação prévia com as figuras parentais é também determinante (Oliveira, 2012).

Quanto ao modo como se processou a tomada de conhecimento os relatos demonstram que o *coming out* dos filhos/as dos/as entrevistados/as ocorreu, na sua maioria, de forma directa, ou seja, os descendentes tomaram a iniciativa de falar do assunto abertamente, excepto no caso da Manuela e da Marta que foram às próprias a questionar a orientação sexual dos seus descendentes:

“Porque ele sabia que eu havia de chegar a uma altura que ia dizer: “Não, isto tem de ser esclarecido. Já me estou a irritar!” [...] As pistas foram de tal maneira dadas que eu já não aguentava mais a minha dúvida. E eu disse: “Senta-te aí que eu te quero perguntar. E perguntei!” (Manuela).

Estes resultados parecem ir de encontro aos indicados na literatura de que a mãe é a figura eleita, como já anteriormente referimos. Apenas, no caso do casal Celeste e Jorge a “saída do armário” foi feita em simultâneo para toda a família alargada: “Ele contou à família toda, aproveitou uma ocasião em que estavam cá todos. Inclusivamente eram os meus anos e ele aproveitou para contar praticamente a toda a família”.

### **Impacto inicial**

A análise dos dados demonstra também que à medida que o tempo vai passando os pais e mães vão integrando a orientação sexual dos filhos/as e adquirindo uma postura mais aceitante (Savin-Williams, 2006). Contudo, nesta fase inicial são de realçar fortes reacções emocionais (medo, negação, angústia).

No excerto seguinte damos-nos conta do processo de resignificação da orientação sexual e da construção identitária em função da nova realidade:

[...] Muita pena de mim. Não é pena, a gente por mais que não tenha preconceitos. Eu não sou... Eu não me considero uma pessoa preconceituosa. Hum... Não estamos formatados, vá! Digamos assim, para isto! Isto é muito mais fácil nos outros do que em nós. (Manuela).

A questão de não estar formatado é portanto um exercício pessoal, que precisa ser realizado, mesmo quando não existem preconceitos evidentes, e que pode ser mais ou menos longo.

A Celeste, revela um processo em aberto, ao fim de 3 anos:

“Eu fiz uma depressão e ainda ando a tomar medicação” e “Nas reuniões da AMPLOS eu sentia-me toda a tremer. Passávamos lá o dia e eu por dentro sentia-me toda a tremer. Eu

sentia-me mais oprimida, cá dento. Eu sentia-me muito nervosa. Fazia assim um esforço para fazer uma cara alegre, mas dentro sentia-me tão...”

Apesar de ainda não ter conseguido integrar completamente esta situação na sua identidade, tem conseguido com o tempo relacionar-se melhor com a situação: “Os pais do namorado dele no outro dia ligaram a dizer que queriam fazer um picnic connosco e pronto qualquer dia vamos fazer. Que vamos fazer, não é? Vamos integrando as coisas. Tem que ser.”

Por outro lado é impossível negar, por mais acolhedora que possa ser a reacção das figuras parentais, que nos encontramos numa sociedade povoada de preconceitos e que apesar de toda a abertura verificada nos últimos anos da sociedade portuguesa, ainda é impossível não pensar nas consequências desses mesmos preconceitos sobre as vidas dos nossos filhos e filhas.

Por outro lado, e para além da homofobia internalizada revelada por alguns destas figuras parentais, é indiscutível que vivemos numa sociedade homofóbica e que o receio de que os filhos possam vir a ser alvo de preconceito e discriminação é uma realidade (Herdt & Koff, 2002; Saltzburg, 2004). São na verdade discursos que implicam já uma aceitação e cujo amor se traduz no receio de maus-tratos verbais, psicológicos ou físicos, como fica patente nos seguintes:

[...] Eu tenho muito medo que o meu filho seja discriminado pela vida fora. E ainda é isso que me pesa. (lágrimas) (Celeste).

O que me assusta mais é mesmo o mercado de trabalho. Ele está a tirar Direito. É um curso cheio de etiquetas e de aparências. Tenho muito medo que as pessoas lhe causem muitos dissabores e ele sofra com isso (Filomena)

Por outro lado, alguns discursos também nos dão dimensão de que, para alguns e algumas este processo poderá estar sempre inacabado permanecendo o conflito:

Agora percebo que não existiram grandes mudanças. O meu filho é o mesmo de sempre! As nossas vidas continuaram a decorrer com normalidade. E o meu filho está muito mais feliz. É claro que no início não era tudo um mar de rosas! No início havia uma sensação de estranheza. É normal! Nem eu, nem o marido estávamos à espera. E ainda nos estamos a estruturar a cada dia que passa (Filomena)

Perspectivas mais optimistas são, em contrapartida, reveladas pelo Jorge e pela Rosa.

“Para o ano, nos meus anos ou nos dele o rapaz já vem cá! Já passou algum tempo. Eles já o conhecem, não tem nada que se admirar. Se houver quem não esteja dentro do esquema, vou ter de lhes explicar antes, para eles não se admirarem. É só isso, mais nada! (Jorge)

“Não, não! Pelo contrário, não alterou nada. Não alterou nada, absolutamente nada, continuou a ser o mesmo filho, sempre o mesmo” (Rosa)

### **Estratégias para gerir o processo**

Como foi anteriormente referido, o suporte social é um factor preponderante na questão da aceitação parental. Relatos dos Estados Unidos da América dão-nos conta da importância das organizações de apoio ao núcleo familiar (Broad, 2011; Johnson & Brest, 2012). A organização *Parents, Friends and Family of Lesbians and Gays* procura transformar a dor e os sentimentos de homofobia em amor, provendo o activismo.

Muitos pais e mães recorrem a grupos de apoio parental (associações) e a ajuda psicológica de modo a compreenderem melhor as experiências dos/as filhos/as e a integrar uma nova orientação sexual no seio familiar. A partilha de experiências com outros progenitores que se encontrem na mesma situação, ou com amigos e familiares próximos é também uma das estratégias mais utilizadas (Saltzburg, 2004; 2009). Algumas figuras parentais, podem mesmo tornar-se activistas proactivos no combate ao heterossexismo (Broad, 2011; Savin Williams, 2006), como aconteceu com algumas das nossas participantes. Como base nestes resultados somos levadas a crer que a maior parte se encontram próximas da aceitação integral. Inspirando-nos no trabalho de Wakeleya e Tuasona (2011), consideramos que isto acontece quando o pai ou é mãe é capaz de viver sem angústia face à orientação sexual dos descendentes, é capaz de aceitar o companheiro ou companheira e capaz de publicamente assumir a defesa das pessoas LGBT.

Mas mesmo para as que não se envolveram tanto no processo, é notório os benefícios que as reuniões e o apoio da Amplos tiveram para as/os participantes deste estudo. A Celeste refere que “ao longo das reuniões esse nervosismo foi mudando. Falava com outras pessoas na mesma situação que eu”. Ou como salienta a Manuela:

“Não vim logo. Li umas coisas da AMPLOS e achei que ok, isto é capaz de me ir ajudar a dar a volta que eu preciso dar. Mas, já tinha passado aí não sei, uns meses valentes. E achei que ok, isto também não é um bicho-de-sete-cabeças e eu depois acabo por dar eu própria, a volta que preciso de dar. Mas, ajudou-me a ver outras pessoas que já tinham dado o passo mais à frente do que o meu.”

No caso dos/das participantes entrevistados/as, todos/as excepto a Filomena, recorreram ao associativismo aderindo à Amplos. A segunda estratégia mais utilizada é o falar com alguém próximo, especialmente, familiares, como o marido ou mulher, uma irmã, como aconteceu com a Filomena:

Não. Pessoas de fora, não falei com ninguém. Falei com os meus familiares mais próximos que foram a madrinha e padrinho do A., as minhas irmãs os padrinhos da parte do meu marido.[...] (Filomena).

Sabendo que o dar conhecimento e familiares faz parte de uma integração completa, fica-se na dúvida que qual será efectivamente a posição de algumas das entrevistadas quando referem: “Eu não gosto de falar com pessoas que não conheciam a C., porque achei que com as pessoas mais próximas devia ser ela a falar” (Marta).

No entanto algumas combinam a família mais significativa com amigos/as próximas, provavelmente as que se encontram numa fase completa do processo:

Uma das coisas que para mim era muito importante é o que eu chamo de o meu núcleo duro, que são as pessoas que me são mais próximas. A minha irmã, mais duas amigas minhas, uma delas é madrinha dele e digamos mais um amigo meu. [...] Não que fosse alterar alguma coisa, mas eram as pessoas que se não o aceitassem eu iria ficar muito triste. [...] E eu ao falar com eles era ter um bocado de força, do meu lado. Ok, se vocês estão do meu lado, eu estou pronta para enfrentar o resto (Manuela).

Interessante, não deixa de ser o fato de Jorge, sendo caracterizado como um dos pais mais aceitantes, parecer revelar a necessidade de que a homossexualidade do seu filho não seja trazida a público, lutando eventualmente entre a sua própria homofobia e a homofobia social: “Eu só acho que quando estão em cafés e assim devem ser mais discretos porque a sociedade não aceita verdadeiramente. Quando estão em casa ninguém tem nada a ver isso.”

As figuras que demonstram uma postura mais proactiva no combate ao heterossexismo são a Marta, a Manuela e a Rosa, através da Amplos. Para algumas o próprio activismo funciona como ferramenta de ajuda pessoal: “Nas associações ao ajudar os outros, eu estou-me a ajudar a mim. Para além do prazer que me possa dar eu estar a defender algo em que eu acredito” (Manuela). Ou ainda como tão bem refere Rosa:

Mas, por outro lado também acho que isto enriqueceu-me, de tal maneira que houve muita coisa. Porque acho que isto é uma coisa de uma grandeza tão grande. Quando se consegue resolver um problema destes. Quando se consegue pôr um filho, ou uma filha de bem com os pais, por este problema. Acho que isto é uma dificuldade, por um lado, mas quando se consegue é de uma grandeza tão grande! [...] Portanto, esta experiência é fantástica, é de uma realização total

No quadro 2 procura-se sintetizar as principais estratégias parentais utilizadas para ultrapassar o *coming out* dos descendentes:

**Quadro 2.** Estratégias utilizadas para ultrapassar a “saída do armário”

Participantes	Usou estratégias	Qual ou quais
<b>Manuela</b>	Sim	Pesquisa na internet e em livros; Membro da Amplos
<b>Marta</b>	Sim	Pesquisa na internet e em livros; Membro da Amplos
<b>Celeste*</b>	Sim	Entrada na Amplos; falar com familiares próximos (primo enfermeiro)
<b>Rosa</b>	Sim	Pesquisa em livros; Membro da Amplos
<b>Filomena</b>	Sim	Pesquisa em livros; falar com familiares próximos (irmã enfermeira)
<b>Jorge*</b>	Sim	Entrada na Amplos; Não falou com ninguém a não ser com a mulher

\*Casal

**Conclusões e sugestões para a intervenção**

O presente estudo teve como principal objectivo analisar os significados atribuídos pelas figuras parentais à “saída do armário” dos seus filhos e filhas e compreender que estratégias e recursos facilitam a aceitação e adaptação à orientação sexual do/a filho/a. Os resultados da análise permitem compreender que os processos de integração fazem emergir dinâmicas identitárias, quer dos próprios pais e mães, quer dos próprios filhos e filhas. É uma nova imagem de um filho ou uma filha com a qual se vêm confrontados, são expectativas deitadas por terra e a gestão das suas próprias homofobias e heterossexismos relativamente a uma figura de amor.

Os resultados indicam ainda que entre a percepção de aceitação que têm sobre si próprios e a “real” aceitação existe uma distância variável temperada por receios, vergonhas sociais e receios de que as suas figuras de afecto possam ser alvo de discriminação.

De salientar, que este trabalho foi realizado unicamente com uma amostra de pais e mães que, independentemente do seu grau de aceitação, não tiveram nenhuma



atitude mais violenta ou abusiva com os seus filhos e filhas e que partiram, desde logo, de uma posição em que os afectos se sobrepuseram aos preconceitos e discriminação.

Este trabalho apesar de ter sido realizado com um reduzido número de entrevistas permitiu-nos alcançar, ainda assim, a saturação teórica, tendo em conta a grande variabilidade de respostas encontradas.

Mais, acima de tudo, este estudo permite deixar bem clara a importância da informação e o papel que a mesma exerce na capacidade de compreensão e aceitação da orientação sexual dos seus descendentes, como fica patente no caso de Rosa. Como a informação adequada possibilita desconstruir preconceitos permitindo que o processo de reconfiguração identitário e familiar ocorra de forma mais rápida e sem grandes conflitos internos.

Assim, consideramos que as escolas têm um papel primordial a este nível e sem desmerecer o trabalho que tem sido feito pelas associações que se dedicam a esta temática. A necessidade de alargar este tema a todo o ensino básico e secundário em todo o território nacional, implica a necessidade de que as acções se traduzam em medidas enquadradas numa vontade e política educativa. Cada pai e mãe deveria estar preparado/a para aceitar a eventualidade de ter um filho ou filha LGBT, evitando que este processo possa vir a ser tão doloroso, para ambas as partes, como nos é dado a ver ao longo deste trabalho. Assim, tal como foi implementada uma política de educação sexual, também esta temática deveria ser incluída nas escolas públicas de modo a que os pais e mães estivessem não só preparados para gerir a sua aceitação como pudessem ter estratégias eficazes para ajudar os seus filhos e filhas a melhor se puderem confrontar com uma sociedade onde a homofobia e heterossexismo ainda impera (Salzburg, 2009). A passagem de filmes e debates promovidos pela escola seria uma das formas mais fáceis e “naturais” de fazer chegar esta temática a todos e todas. A nível cinematográfico e opção é variada e de qualidade, abarcando diversas idades e temáticas. A nível de debates existem já um número considerável de profissionais preparados para o tema. Profissionais de psicologia em conjunto com professores/as poderiam, ainda, levar o debate para dentro da sala de aula permitindo aos alunos e às alunas falar abertamente sobre o tema permitindo, dessa forma, desconstruir preconceitos e obter informação adequada. Sabemos que os estudantes LGBT são geralmente alvo de *bullying* homofóbico e assédio na escola e que esta não tem sabido proteger estes jovens. Frequentemente, os professores e professoras ignoram, ou porque não sabem como actuar, ou porque naturalizam a violência,

nomeadamente estes actos de bullying e assédio. Contudo, a escola tem por obrigação respeitar a diversidade, seja ela de que tipo for, e ensinar os jovens a tolerância, o respeito e a cidadania (Hunter, 2009; Kurashige & Reis, 2010).

Permitir, ainda, que os professores e professoras tomem consciência da forma heterossexistas como frequentemente abordam as questões amorosas com os seus alunos e alunas, pressupondo que são sempre heterossexuais, promovendo também neles e nelas uma formação para a diversidade e para uma linguagem inclusiva. Seria, fundamental incluir a temática LGBT no curriculum, não de forma aditiva, mas integrada no curriculum usando textos e fotos que pudessem ir naturalizando este tema perante os/as jovens (Hunter, 2009).

Por outro lado, afigura-se essencial que os/as profissionais de psicologia que se encontram nas escolas ou outros profissionais das ciências sociais tenham formação na temática LGBT e aprendam como abordar este tema a nível familiar prestando o apoio que se veja necessário.

Em termos gerais importa fomentar a divulgação de discursos não-heterossexistas e promover uma cultura de tolerância e respeito. A escola, parece-nos ser um local privilegiado para estruturar intervenções, sem que isso signifique anule a importância de outras campanhas de intervenções a outros níveis e de estratégias conjugadas com a Rede Ex-Aequo e Amplos. Desta forma, a escola estará, finalmente, a dar um contributo para fomentar uma comunicação aberta nas famílias e no ambiente educativo não só sobre a temática da sexualidade e da orientação sexual, como em geral.

## **Referências**

- ALMEIDA, Miguel Vale. 2010. "O contexto LGBT em Portugal". Em: Nogueira, C. & Oliveira, J. M. (Eds). Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. pp. 55-70.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. 2008. Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality. Washington, DC: APA.
- BEN-ARI, Adital T. 1995. "The discovery that an offspring is gay: Parents', gay men's, and lesbians' perspectives". *Journal of Homosexuality*. Vol. 30, no 1, p. 89-112.

- BERNSTEIN, Barbara. 1990. "Attitudes and issues of parents of gay men and lesbians and implications for therapy". *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*. Vol. 1, no 3, p. 37-53.
- BOXER, Andrew M., COOK, Judith A., & HERDT, Gilbert. 1991. "Double jeopardy: Identity transitions and parent-child relations among gay and lesbian youth". Em: Pillemer, K. A. & McCartney, K. (eds.), *Parent-child relations throughout life*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. pp. 59-92.
- BRAUN, Virginia. & CLARK, Victoria. 2006. "Using thematic analysis in psychology". *Qualitative Research in Psychology*. Vol. 3, p. 77- 101.
- BROAD, Katherin. L. 2011. "Coming out for Parents, Families and Friends of Lesbians and Gays: From support group grieving to love advocacy". *Sexualities*. Vol. 14, no 4, pp. 399-415.
- CARNEIRO, Nuno. 2009. *Homossexualidades: Uma Psicologia Entre Ser, Pertencer e Participar*. Porto: Livpsic.
- D'AUGELLI, Anthony. R. 2006. "Developmental and Contextual Factors and Mental Health Among Lesbian, Gay, and Bisexual Youths". Em: Omoto, A. M. & Kurtzman, H. S. (eds.). *Sexual orientation and mental health: Examining identity and development in lesbian, gay, and bisexual people*. Contemporary perspectives on lesbian, gay, and bisexual psychology. Washington, DC, US: APA. pp. 37-53.
- FRAZÃO, Pedro., ROSÁRIO, Renata. 2008. "O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares". *Análise Psicológica*. Vol. 26, no 1, p. 25-45.
- GOLDFRIED, Marvin, & GOLDFRIED, Anita P. 2001. "The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals". *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 57, p. 681-693.
- HERDT, Gilbert., & KOFT, Bruce. 2002. *Tenho uma coisa para vos dizer: O percurso de uma família com um filho homossexual*. Porto: Âmbar.
- HUNTER, Ski. 2009. *Coming Out and Disclosures: LGBT Persons Across the Life Span*. New York: Haworth Press.
- JOHNSON, J. L. & BEST, Amy, L. 2012. "Radical Normals: The Moral Career of Straight Parents as Public Advocates for Their Gay Children". *Symbolic Interaction*. Vol. 35, no 3, p. 321-339.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. 1969. *On death and dying*. New York: Macmillan.

- KURASHIGE, Keith & REIS, Aparecido Francisco. 2010. "O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar". *Interfaces da Educação*. Vol. 1, no 3, p. 93-102.
- LASALA, Michael C. 2000. "Lesbian, Gay Men, and Their Parents: Family Therapy for the Coming Out Crisis". *Family Process*. Vol. 39, p. 67-81.
- NOGUEIRA, Conceição & OLIVEIRA, João Manuel. 2010. "Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género". Em: Nogueira, C. & Oliveira, J. M. (Eds). *Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. (pp. 9-17).
- OLIVEIRA, Carlos André. 2012. *Amor Parental (In)Condicional: Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Maia: ISMAE.
- ROSSI, Nicole E. 2010. "Coming Out Stories of Gay and Lesbian Young Adults", *Journal of Homosexuality*, Vol 57, no 9, pp. 1174-1191
- SALTZBURG, Susan. 2004. "Learning that an adolescent child is gay or lesbian: The parent experience". *Social Work*. Vol. 49, p. 109-118.
- SALTZBURG, Susan. 2009. "Parents' Experience of Feeling Socially Supported as Adolescents Come Out as Lesbian and Gay: A Phenomenological Study", *Journal of Family Social Work*. Vo. 12, no 4, p. 340-358.
- SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. 1998. "The disclosure to families of same-sex attractions by Lesbian Gay, and Bisexual youths". *Journal of research on Adolescence*. Vol. 8, no 1, p. 49-68.
- SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. 2006. *Mom, Dad, I'm Gay: How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- STROMMEN, Erik. 1989. "'You're a what?': Family member reactions to the disclosure of homosexuality". *Journal of Homosexuality*. Vol. 18, p. 37-55.
- WAKELEYA, Megan D. & TUASONA, Maria Teresa. 2011. "Tasks in Acceptance: Mothers of Lesbian Daughters". *Journal of Gay & Lesbian Social Services*. Vol. 23, no 1, p. 1-29.
- WEINBERG, Martin S. & Colin S. WILLIAMS (1974). *Male Homosexuals: Their Problems and Adaptations*. New York: Oxford University Press.